



Gêneros Jornalísticos na Internet – Uma Proposta para Blogs¹

João Vicente Kurtz²

Otávio José Klein³

Universidade de Passo Fundo

Resumo

Este artigo adentra o universo dos blogs enquanto meio jornalístico e fornece indícios para o estudo dos gêneros jornalísticos utilizados neste meio. Parte do princípio que o blog é um formato de divulgação de idéias que se adéqua ao jornalismo. A metodologia utilizada foi a análise de textos, chamados *posts*, em cinco blogs mantidos por jornalistas e vinculados a empresas de mídia ao redor do país, buscando-se encontrar as variações dos gêneros discursivos encontrados, em comparação com os gêneros identificados no meio impresso. Por fim, chegamos a duas conclusões: o blog é uma ferramenta tanto de produção quanto de reprodução de conteúdo, capaz de expandir os horizontes do jornalismo, não só digital como também em seus meios clássicos. A segunda é que o estudo dos gêneros do discurso jornalístico está deveras defasado em relação à prática, tendo sua bibliografia mais atualizada não acompanhado a evolução dos tipos de texto existentes.

Palavras-chave

Jornalismo, Gêneros, Cibercultura

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, no Grupo Temático de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluno do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade de Passo Fundo

³ Mestre em Comunicação pela Umesp, doutor em comunicação pela Unisinos, professor e pesquisador da Universidade de Passo Fundo



Introdução

Esse artigo sucede uma pesquisa desenvolvida no segundo semestre de 2008. Nosso objeto de estudo são os textos de jornalistas publicados em *blogs* mediados por empresas – jornalísticas ou não. Estudamos, a partir desse ponto, a que gêneros jornalísticos estes textos pertencem.

Esta pesquisa se originou da curiosidade de se conhecer como os gêneros jornalísticos – a princípio rígidos e intransponíveis – se comportam no ambiente online, especificamente em blogs, por considerarmos que esse meio já ultrapassou o estágio de comunicação alternativa, tornando-se *mainstream*.

Destarte, consideramos os textos de forma quantitativa (em relação aos outros blogs de nossa amostra) e qualitativa (no que diz respeito aos gêneros nos quais cada texto pertence).

Os *blogs* que selecionamos para esta análise foram o Balaio do Kotscho⁴, Blog do Noblat⁵, Circuito Integrado⁶, Palavra de homem⁷ e Tv.com⁸. Os textos da amostra foram publicados durante os meses de setembro e outubro de 2008, com exceção do blog Balaio do Kotscho, por ter este estreado em meados daquele mês, tendo, por isso, a amostra reduzida.

1 – Uma questão de opinião

A opinião é parte fundamental da atividade jornalística, ao ponto que autores como Manuel Chaparro rejeitam completamente a noção de que existam textos no qual ela não existe. Beltrão, por outro lado, afirma que nem tudo é passível dela. “Quando o objeto não comporta diferentes faces, não há lugar para a opinião”, dirá este autor (BELTRÃO, 1980, p/ 19-20).

⁴<http://colunistas.ig.com.br/ricardokotscho/>

⁵ <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>

⁶ <http://circuitointegrado.folha.blog.uol.com.br/>

⁷ <http://blog.estadao.com.br/blog/palavra/>

⁸ <http://www.jblog.com.br/tvcom.php>



Ele identifica três formas diferentes de opinião, que pode provir do editor, do jornalista e do leitor de um veículo de comunicação. Beltrão também adverte que as opiniões dos dois primeiros tendem a coincidir, já que o jornalista, em geral, trabalha em um veículo cuja visão coincide com a sua.

A divisão entre opinião e informação está ligada à separação dos gêneros. A *Arte Poética*, de Aristóteles, já classificava o teatro grego entre comédia, tragédia e os poemas épicos. Da mesma forma, o texto jornalístico também é alvo de divisões.

Neste campo, os textos são divididos segundo o binômio Informação/Opinião. Cabe ao inglês Samuel Buckley, editor do jornal *Daily Courant*, o título de ter separado, pela primeira vez, textos de cunho opinativo e informativos. Foi ele, também, que introduziu o conceito de objetividade no jornalismo:

Embora a dicotomia Opinião/Informação tenha se transformado, pela tradição, em espécie de matriz reguladora de convicções conceituais que organizam e explicam o jornalismo, o modelo de Buckley, como descoberta, nem pretensão científica teve. Já o contexto da justificação, engendrado pelos pensadores do jornalismo, acabou por criar uma “lei” que produziu especialistas, encheu livros e consolidou raízes, tanto nas redações quanto nos meios acadêmicos (CHAPARRO, 2008, p. 146).

O jornalismo brasileiro nasce no meio desta configuração. O *Correio Braziliense*, nosso primeiro jornal, era composto em sua maioria por artigos, uma classe de texto que por muito tempo foi dominante na imprensa mundial.

Não se pode confundir, entretanto, os binômios informação/opinião e informativo/opinativo. O primeiro se refere a elementos básicos intratextuais, ferramentas com as quais o jornalista constrói seu texto. Já o segundo diz respeito aos moldes nos quais o texto foi previamente subdividido.

O problema dessa divisão, ao se apresentar como modelo classificatório, é que ela ilude o leitor porque é impossível produzir um texto “puro” e “livre de pontos de vista”, ou seja, totalmente objetivo.

2 – Breve história do gênero: uma perspectiva brasileira

Desde o início dos estudos, o binômio informativo/opinativo torna-se determinante no estudo dos gêneros jornalísticos brasileiros. Uma rápida visita nessa área revela que o primeiro autor a tratar do tema foi Luis Beltrão, em uma série de livros



tratando de jornalismo opinativo e informativo. Além destas categorias, este autor também apresenta a categoria do jornalismo investigativo.

Nesse ponto, convém esclarecer uma questão fundamental: afinal, o que são gêneros jornalísticos? Chaparro dirá que gênero é “a semelhança que permanece nas espécies” (CHAPARRO, 2008, p. 176). Todorov acrescenta que gêneros são “classes de textos com propriedades comuns” (TODOROV apud CHAPARRO, 2008, p. 168).

A classificação de Beltrão, por sua vez, toma por critério básico o texto como unidade discursiva, tratando a imagem como exceção. Melo, por sua vez, adota uma aproximação diferente, pois este autor entende que “não é código em si que caracteriza um gênero jornalístico, e sim o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público” (MELO, 1994, p. 61).

No que compreende a grade classificatória, Melo, revisando a classificação de Beltrão, exclui o jornalismo investigativo, por crer que este não encontra, no Brasil, representatividade. O autor adota outro critério, considerando a “articulação processual entre os acontecimentos (*real*), sua expressão jornalística (*relato*) e a apreensão pela coletividade (*leitura*)” (MELO, 1994, p. 64, grifo nosso).

Para Melo, os gêneros informativos são estruturados em um referencial externo à instituição jornalística, dependendo do desenrolar dos acontecimentos e a relação destes com o mediador (ou seja, o jornalista). Os gêneros de opinião, por sua vez, se estruturam por variáveis controladas pela instituição jornalística, relacionadas com a autoria e a angulação da opinião.

Um dos estudos mais transgressores nesta área é o de Manuel Chaparro. Este autor discorda da separação entre opinativo e informativo. Para ele, esta divisão “trata-se de um falso paradigma, pois o jornalismo não se divide [entre opinião e informação] e sim se constrói [com elas]” (CHAPARRO, 2008, p. 146).

Chaparro justifica sua opinião desta forma:

Em face da dinâmica e do grau de complicação das interações que o jornalismo viabiliza no mundo atual, já não é possível explicar e entender a ação discursiva do jornalismo pela dicotomia Opinião X Informação. Qualquer leitura de jornal ou revista de grande circulação deixa evidente que as fronteiras entre Opinião e Informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo – tanto no Relato quanto no Comentário da atualidade (CHAPARRO, 2008, p. 160).



Para ele, existem duas funções principais do jornalismo: relatar e comentar a atualidade. Em ambas estão pressupostas a utilização tanto de informação quanto opinião. A partir dessa idéia, Chaparro elabora os gêneros *relato* e *comentário*. A este corresponde o gênero opinativo e àquele, o informativo.

Mas se este autor renega o uso de informação e opinião como elementos delimitantes dos gêneros jornalísticos, que outro critério ele utiliza? Chaparro encontra essa resposta no esquema estrutural dos textos. Ao gênero relato corresponderia um esquema narrativo (pois se está, a princípio, *contando* uma história) e ao gênero comentário associa-se um esquema argumentativo (nesse caso, deseja-se *justificar* uma idéia).

3 – Considerações sobre internet e meios de comunicação

Há pouco mais de dez anos em operação no Brasil, a internet – enquanto sistema comercial – apresenta uma história complexa, começando em sua utilização em universidades nos Estados Unidos da América até os recentes avanços em direção àquilo que se convém chamar de *web 3.0*.

Tratar de comunicação no espaço virtual, entretanto, é viajar no conceito de democratização da comunicação. A internet possibilita que pessoas antes limitadas ao papel de receptoras de conteúdo agora possam se tornar emissoras.

A isso damos o nome de cibercultura, ou seja, “o movimento histórico, a conexão dialética, entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas” (RÜDIGER, 2003, p.54). Na cibercultura, toda a troca de informações (ou seja: toda a comunicação) ocorre em um ambiente metafórico chamado de *ciberespaço*, o “espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p.92).

Um dos grandes diferenciais da internet – se não seu maior – é a interatividade, ou, seja, a participação ativa do receptor em um processo comunicativo. Lévy aponta três fatores que orientam o ciberespaço. O primeiro é a *interconexão*, ou seja, a capacidade de todas as máquinas de se comunicarem entre si. Este princípio resulta em um novo estágio, onde ocorre a criação de *comunidades virtuais*, quando pessoas com interesses semelhantes se unem para trocar informações, ainda que essa reunião ocorra no campo virtual. A troca de informações resulta na criação de uma *inteligência coletiva*, entendida por Pierre Lévy como a finalidade última da cibercultura.



O sistema dos *blogs*, por sua vez, surgiu em 1997 com a proposta de ser um diário virtual. Sua popularização como plataforma de divulgação de material jornalístico se deu na guerra do Iraque. O *blog*, enquanto formato, ao reduzir a necessidade de conhecimento técnico para se criar um *site*, contribuindo para a tão sonhada democratização da comunicação.

Mais de dez anos depois de sua criação, existem atualmente mais de 133 milhões de blogs no mundo, com vários novos sendo criados a cada instante. Essa facilidade dá ao *blog* a capacidade de aproximar receptor e emissor, dois pólos antes opostos do processo comunicativo.

O leitor pode, deste modo, interferir no texto do blogueiro, completando-o ou construindo-o. Essa rede de relações que permeia a rede dos blogs poderia representar as associações que todos os blogueiros e internautas realizaram ao ler o mesmo texto, apresentando suas próprias contribuições, como notas escritas em um livro (PRIMO e RECUERO, 2003, p. 57).

Desta forma, não se pode afirmar que o blog seja um fenômeno novo, passageiro ou incerto. As comunidades virtuais, que antes se concentravam em torno deles, agora já se disperçam em novas formas de relações, seja em forma de redes sociais (*Orkut*, *MySpace*, etc.) ou ferramentas de *micro-blogging* como o *Twitter*. Descarta-se, portanto, a tese de que o blog é um meio alternativo:

A revista britânica *Economist* [6/11/08] afirma que o blog virou *mainstream*. Há pouco tempo, blogar significava publicar, em uma página de internet, textos, fotos e vídeos, principalmente sobre a vida do blogueiro, para um público formado, em grande parte, por amigos e parentes. Hoje, sem se dar conta, muito mais gente faz isso (NUNES e THURLER, 2008).

Não se pode negar a capacidade dos blogs como ferramenta de comunicação. Ao mesmo ponto, convém evitar a armadilha de fornecer a eles o rótulo de jornalismo. Da mesma forma que um jornal, um programa de rádio ou televisão podem não ser necessariamente jornalísticos, o *blog* também não o é. O que de forma alguma impede que uma parcela deles adquira esse status.

4 – Notas acerca do pensamento teórico

Tendo entendido os blogs como ferramenta jornalística, cabe agora aplicar as teorias dos gêneros nos blogs selecionados. O primeiro problema que encontramos foi



que as teorias existentes não contemplam os textos escritos para a internet, tampouco o grande fluxo de informação proveniente dos receptores de mensagens nesse meio.

Consideramos também inadequados as classificações propostas por Beltrão e Melo (informação/opinião) e Chaparro (narração/argumentação). Em nosso julgamento, estas classificações ocultam certas diferenças nos gêneros ao delimitarem apenas uma variável (informação/opinião, para Melo e Beltrão e a estrutura do texto para Chaparro) como fator fundamental para a separação dos textos.

Assim sendo, julgamos necessária a criação de uma nova grade classificatória dos gêneros. Fundamentamos nossa idéia nos seguintes argumentos:

1) Relembrando a já citada observação de Eemym, Ault e Agee (apud MELO, 1994, p.24-5), para os quais o jornalismo se divide entre duas funções principais: relatar as notícias e oferecer interpretação e opinião baseado nas notícias e recuperando a observação de Melo (2003, p. 62-3), que as chama de “leitura do real” e “reprodução do real”;

2) Rememorando as noções de fonte da opinião no jornalismo, definidas por Beltrão como sendo do editor, jornalista e leitor, aos quais Melo acrescenta a figura do colaborador;

3) Acrescentando a observação de Chaparro de que opinião e informação são inseparáveis, já que são inerentes ao homem, logo ao jornalista;

4) Revigorando a idéia de Melo (2003, p. 63-4), para quem o relato jornalístico só adquire sentido no confronto com o destinatário: é aí que reside a autonomia do processo jornalístico – na liberdade que tem o receptor de escolher o que quer saber e através de que meios vai concretizá-lo. Completa-se o fluxo de determinação ideológica: o leitor/receptor também dispõe de mecanismos para captar o sentido que orienta a ordenação das mensagens jornalísticas. Sem esquecer, também, que o fluxo de informação é bem mais amplo em meios digitais que em meios impressos: um comentário de blog é publicado instantaneamente e com a mesma velocidade pode ser respondido. No meio impresso, escrever uma carta (ou mesmo um e-mail) até ver esta mensagem publicada, implica num processo mais longo, quando não, na maioria das vezes a sua publicação não acontece.

Destarte, apresentamos a seguinte classificação:



Fonte primária da opinião	Gênero Leitura	Gênero Reprodução
Editor	Editorial	
Jornalista	Comentário do jornalista Clipping comentado	Link Nota Notícia Reportagem Serviço
Colaborador	Charge Caricatura	
Leitor	E-mail Comentário de blog	
Misto	Artigo Comentário publicado Crônica Resenha	Clipping Entrevista

Faremos algumas considerações:

1) A separação do *artigo* em três espécies diferentes, levando em conta a fonte primária da opinião: o *editorial*, o *comentário* e o *artigo* propriamente dito.

2) A inserção de uma nova fonte de opinião, a qual chamamos de *fonte mista*. Por este termo, entendemos tanto os gêneros que admitem proveniência de fontes diferentes ou cujos conteúdos exponham opiniões de mais de uma fonte, conforme veremos adiante;

3) A adição de um novo tipo de texto ao gênero *Reprodução*: o *clipping*. Esta prática, mais comum, em sua forma física, nas assessorias de comunicação de empresas, se tornou habitual nos blogs, que ao contrário dos meios físicos, não possuem limitação de espaço. O *clipping*, no caso dos *blogs*, é praticado pela reprodução do título da notícia original, subtítulo (se houver) e o primeiro parágrafo do texto original, seguido de link para o texto completo, que será seguido se interessar ao leitor. Em alguns casos, o texto inteiro pode estar reproduzido ou mesmo vários textos de fontes diferentes em um mesmo *post*.

Há casos também em que o texto clippado aparece seguido de um comentário do autor do blog. Como este tipo de texto é uma mistura dos gêneros por nós apontados de



clipping e *comentário do jornalista*, optamos por classificá-lo em um gênero a parte, o *clipping comentado*, associando-o ao gênero *leitura*, proveniente de *fonte de opinião mista*.

4) A exclusão total do gênero *coluna*. Esta opção se dá por considerarmos que nosso objeto de análise, *blogs vinculados a instituições midiáticas*, são, em geral, representantes gigantes do gênero, que reivindicam para si características distintas (com certas limitações) das empresas às quais se vinculam, assim como novos valores para periodicidade e estilo do texto. Nesses blogs também ocorre com maior nitidez o contraste entre a opinião do *editor* e a do *jornalista*, pois se tratam de personagens diferentes. Ao mesmo tempo, não nos esquecemos da afirmação de Beltrão que “a opinião do jornalista coincide, muitas vezes, com a do editor, pois, em regra, trabalha em um jornal cujos princípios e orientações consultam os seus próprios” (1980, p. 20).

Em blogs que não se vinculam a instituições, o gênero *coluna* pode vir a se apresentar como espaços reservados para a opinião de um ou mais autores do espaço, porém esta afirmativa merece sua própria pesquisa.

Devido à exclusão da *coluna*, desaparece também a *coluna social* da análise. Porém, julgamos que o colunismo social, mais que um gênero, também é um assunto que pode ser englobado pelo gênero *comentário do jornalista*.

Não excluímos a hipótese de a coluna aparecer em outras formas de blogs que não se vinculem a empresas jornalísticas. Entretanto, este padrão não foi observado em nosso objeto de análise. O *colunismo social*, por sua vez, também está representado na internet em blogs como *Te dou um dado?*⁹ e *PapelPop*¹⁰.

5) A inclusão da *entrevista* como gênero de fonte mista. Este gênero foi originalmente classificado por Beltrão como sendo fonte de opinião do leitor, já que este autor dava este status ao entrevistado. Em nosso pensamento, entretanto, da mesma forma que o entrevistado pode dar a sua opinião nas respostas, guiando assim o entrevistador, este também pode determinar o fluxo da entrevista, emitindo, ainda que subjetivamente, opinião nas perguntas.

⁹ <http://tedoumdado.virgula.uol.com.br/>

¹⁰ <http://www.papelpop.com/>



6) A classificação da crônica como gênero *Leitura*. Tomamos esta decisão porque, a nosso ver, a estrutura, critério de classificação proposto por Chaparro, pouco influencia em nossa divisão.

5 – Resultados da análise

A partir desta nova proposta, analisamos os textos dos cinco blogs previamente citados, no período de setembro e outubro do ano de 2008, obtendo os seguintes resultados:

Blog		1	2	3	4	5	Total	
Leitura	Artigo	4	80	0	0	0	84	3,14%
	Caricatura	0	23	0	0	0	23	0,86%
	Charge	0	76	0	0	0	76	2,84%
	Clipping comentado	0	29	2	0	0	31	1,15%
	Comentário do jornalista	31	160	0	1	4	196	7,32%
	Comentário publicado	2	20	1	0	0	23	0,86%
	Crônica	8	88	0	9	0	105	3,92%
	Editorial	0	1	0	0	0	1	0,03%
	E-mail	8	1	0	1	0	10	0,37%
	Resenha	3	0	5	10	2	20	0,74%
	Total	56	478	8	21	6	569	21,27%
Reprodução	Clipping	3	1240	0	1	0	1244	46,52%
	Entrevista	4	2	1	0	0	7	0,03%
	Link	0	261	12	4	0	277	10,35%
	Nota	1	76	10	0	0	87	3,25%
	Notícia	18	303	10	0	0	331	12,37%
	Reportagem	15	40	0	0	1	56	2,09%
	Serviço	0	93	9	1	0	103	3,85%
	Total	41	2015	42	6	1	2105	78,72%
Total		97	2493	50	27	7	2674	

Legenda:

1 – Balaio do Kotscho

2 – Blog do Noblat

3 – Circuito Integrado

4 – Palavra de Homem

5 – Tv.com



Em vista desses dados, fazemos as seguintes observações:

1) A prática do comentário jornalístico é forte no ambiente online. Esse gênero, que representa 7,32% do total de textos pesquisados, também é o representante do gênero *leitura* mais encontrado na análise.

2) A crônica mantém espaço garantido nos blogs, embora não seja praticada com frequência, pois atingiu 3,92% do total de textos.

3) O clipping é o gênero mais representado na amostra, com 46,52%. Supomos que isso se deva ao fato de o jornalista se apropriar do texto de terceiros como forma de iniciar o debate no blog. Além disso, o clipping – e sua variante, o clipping comentado – multiplicam o alcance da informação original, contribuindo para o processo de comunicação.

4) A *notícia*, a *nota* e a *reportagem* encontram-se representadas de forma consistência na amostra. Ressaltamos, entretanto, que a produção de conteúdo próprio é menor do que a de conteúdo reproduzido de outros veículos. A notícia (12,37%), por ser um produto de preparação e consumo mais rápida, é mais comum que a reportagem (2,09%), se adequando à velocidade do blog.

5) Os *blogs*, em geral, possuem tendências maiores ao gênero *leitura* que ao gênero *reprodução*. Apenas dois blogs inverteram essa lógica: o *Circuito Integrado* e o *Blog do Noblat*. Convém observar, também, que a quantidade maciça de textos deste último (93,23% do total de posts analisados) pode levar a uma leitura errônea da tabela. Ainda assim, no *Blog do Noblat*, o gênero *reprodução* é representado mais por *clippings* (49,73% do total) que por *notícias* e *reportagens* próprias (que somam 13,75% do total).

6) A ausência quase completa do gênero *entrevista*, que somou apenas 0,03% da amostra. Entretanto, alertamos para a existência de entrevistas dentro dos textos classificados como *clipping*. Apenas consideramos como representantes do gênero *entrevista* aquelas produzidas pelos autores dos blogs.

7) A mesma observação se aplica ao gênero *editorial*. Encontramos apenas uma ocorrência, o que equivale a 0,03% da amostra. Um dos motivos percebidos é devido ao blog, enquanto espaço de cunho *pessoal*, romper a fronteira entre a opinião do *editor* e a do *jornalista* pois, a princípio, estes são iguais. Os textos do gênero *leitura* que emitiam a opinião explícita do jornalista foram classificados, em sua maioria, como sendo *artigos* ou *comentários*. Somente computamos como *editorial* o *post* onde o autor (no



caso, Ricardo Noblat) anunciou que emitia a opinião do blog (mesmo que, na prática, esta corresponda a do próprio jornalista).

8) A pouca expressividade do gênero *comentário publicado*. Isto se dá devido ao *comentário de blog* ser amplamente praticado e a publicação destes enquanto post significa o reconhecimento do autor para a *opinião* emitida no comentário, ao ponto de reforçá-la, publicando-a. De fato, apenas 0,03% dos comentários alcançaram esse status, sendo então publicados.

9) A quantidade maciça de *comentários de blog*. Como já frisamos, o comentário facilita o contato entre o receptor e o emissor da informação, contribuindo para a criação de debates sobre o tema proposto. A quantidade de comentários pouco se deve ao tamanho ou ao tipo de *post*. Concluimos que a quantidade de comentários se baseia principalmente no conteúdo da mensagem: quanto mais relevante para o leitor, maior a chance deste se expressar.

6 – Algumas considerações em forma de conclusão

A internet trouxe consigo novas formas de interação. Algumas dessas se traduzem em forma de textos que tomam rumos jamais vistos antes do surgimento das novas mídias. O estudo dos gêneros, por sua vez, continua limitado aos modelos antigos, tendo o impresso como ponto de partida e – nos estudos mais recentes, ignorando o contexto da internet.

Pior: continuamos presos ao paradigma informação/ opinião. Se a imparcialidade é admitida como mito no jornalismo, é preciso romper também com essa divisão e encontrar novas formas de interpretar o texto.

Vamos, pois, trabalhar para o solene enterro da fraude teórica que divide o jornalismo em Opinião e Informação, e construir novos entendimentos do jornalismo, com base na evidência de que, como linguagem e como discurso, ele não se divide, mas se constrói com opiniões e informações. (CHAPARRO, 2008, p. 225)

Não podemos limitar o pensamento jornalístico a um conjunto de fôrmas pré-definidas: é preciso ousar, transgredir e incomodar.



Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina/Ari, 1980.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Jornalismo opinativo*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NUNES, Letícia e THURLER, Larriza. *Os blogs crescem e há quem não goste*. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=511MON001>>. Acesso em 13 nov. 2008.

PRIMO, A. F. T. e RECUERO, R. C. *Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipédia*. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, p. 54 – 65, 2003.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo*. 1ª ed. Porto Alegre, Sulina, 2003.